

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS

Erika Novello de Farias

**A LITERATURA COMO ESPELHO DA SOCIEDADE: *PONCIÁ*
VICÊNCIA SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO E DO FEMINISMO
NEGRO NO BRASIL**

Passo Fundo, maio 2019

Erika Novello de Farias

**A LITERATURA COMO ESPELHO DA SOCIEDADE: A CONSTRUÇÃO DA
PERSONAGEM PONCIÁ VICÊNCIO SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO E DO
FEMINISMO NEGRO NO BRASIL.**

Monografia apresentada ao Curso de Letras,
do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,
da Universidade de Passo Fundo, como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Márcia Helena
Saldanha Barbosa.

Passo Fundo, maio 2019

*“A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.*

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.”*

Conceição Evaristo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, o maior agradecimento é para a minha querida orientadora, Márcia Helena Saldanha Barbosa, que aceitou fazer a orientação na última hora do projeto de pesquisa e também aceitou estender o trabalho comigo por quase um ano e meio. Junto a esse agradecimento, quero me desculpar por ter demorado tanto e por muitas vezes não ter sido a mais responsável das orientandas. Obrigada por ter me guiado neste trabalho, por ter me tratado com tanta paciência e respeito, além de fazer das nossas orientações ótimas conversas. Passei a admirá-la imensamente.

À minha companheira e melhor amiga, Tauana Tempass, por fazer a minha vida melhor, por me ajudar com a carga emocional deste trabalho e torná-la positiva. Obrigada por ter-me auxiliado em todas as etapas e por ter debatido sobre o tema comigo inúmeras vezes nesse processo, enquanto tomava banho, cozinhava, comia, trabalhava, enfim. Discutimos e construímos juntas o produto. É a mulher mais incrível do mundo e me ensina sobre a vida diariamente. Obrigada por tudo, amor.

Nessa caminhada no meio acadêmico, algumas pessoas marcam presença e precisam ser valorizadas. Agradeço ao apoio da amiga Julia Crestani, pessoa que me deu muitas luzes quando eu não conseguia dar os próximos passos neste trabalho. Além dela, a professora Patrícia Ketzer, referência e fonte dos materiais para pesquisa desde o início do curso. E por último, minha colega de trabalho, Ivancléia: obrigada por me trancar na sala para estudar, levar lanche e fazer correções.

Finalmente, o meu agradecimento às outras três mulheres da minha vida, a quem eu tenho a sorte de conhecer e conviver: vó Ione, mãe e Dafne. Minha amada Vó Ione, que sonha com a minha formatura, com ver a neta mais velha tendo sucesso nos caminhos escolhidos. Este é um grande passo. Fez um trabalho excelente com minha formação. Minha mãe, que sempre priorizou a educação, tanto formal quanto informal e deu-me todos os bons exemplos que tento seguir, ensinou-me a ser uma mulher forte e independente. A admiração que me ensinou a ter pelas professoras fez parte de quem escolhi ser, com muito orgulho, obrigada. Este último agradecimento é, talvez, o mais especial. Dafne, minha mestre *Yoda*, obrigada por me adotar como aprendiz *Jedi*. Literalmente, faltam palavras para falar sobre a sua importância na minha vida. Eu escreveria um livro inteirinho sobre essa mulher que me norteia na vida e pela qual guardo e alimento profunda admiração. Obrigada, obrigada, mil vezes obrigada.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *Ponciá Vicêncio*, da autora Conceição Evaristo, sob a perspectiva da construção da personagem romanesca, segundo a teoria de Antonio Candido, parte da obra *A personagem de ficção* e do feminismo negro no Brasil, o qual será abordado segundo estudiosas brasileiras e grandes nomes do movimento feminista negro. Dessa forma, será feita uma breve retomada da história da mulher no Brasil, em especial, da mulher negra.

Palavras-chave: *Ponciá Vicêncio*. Conceição Evaristo. Construção da personagem. Feminismo negro. História da mulher no Brasil.

ABSTRACT

The present work aims to analyze *Ponciá Vicencio*, by Conceição Evaristo, for the biases of the construction of the novel character, according to the theory of Antonio Candido, in the work “The character of fiction”. And also by the black feminism in Brazil, which will be approached according to Brazilian scholars and big names in the black feminist movement. Thus, a brief resumption of the history of woman in Brazil, especially the black woman, will be made. The analysis will be made from the theoretical assumptions allied to excerpts from the work.

Keywords: *Ponciá Vicencio*. Conceição Evaristo. Construction of the novel character. Black feminism. History of woman in Brazil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA DE ROMANCE E OS TRAÇOS IDENTITÁRIOS.....	10
2.1 A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM NO ROMANCE.....	10
2.2 LITERATURA E GÊNERO: A HISTÓRIA BASTARDA DO BRASIL.....	13
3 O ESPELHO RENEGADO DAS MULHERES BRASILEIRAS E A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM PONCIÁ VICÊNCIO.....	18
3.1 A PERSONAGEM ROMANESCA FEMININA.....	18
3.2 AS PERSONAGENS SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

O ato da leitura envolve mais que um leitor e uma obra. Envolve o autor e suas intenções, as escolhas feitas para transmitir uma vivência muitas vezes diferente da que o leitor está acostumado no universo não ficcional. A autora da obra que será analisada no presente trabalho reflete sobre a “escrevivência”; esse é o termo que Conceição Evaristo utiliza para falar sobre aquilo que escreve. Para ela, escrever sobre as memórias, sobre aquilo que vê ou vive, ouve ou presencia, é mais que escrever, é um ato de escrever. Em entrevista¹ à TV PUC-Rio (2017), Evaristo observa que a escrevivência é o ato de selecionar os elementos da realidade que vão fazer parte da ficção, tais escolhas que podem ser desde características sociais até os traços das pessoas que a rodeiam e que vão dar origem às suas personagens.

Ao ler um romance, o leitor tem a oportunidade de refletir acerca do contexto histórico e cultural em que se situam as ações do enredo e acerca das características das personagens que o fazem, de certa forma, viver e sentir um pouco da realidade ficcional. Tais aspectos fazem parte da construção da personagem romanesca, podendo ter relação explícita com o mundo real e criando a imagem de uma época ou situação, ou construindo um mundo ficcional diferente, mas ainda com influências da realidade do criador.

Muitas são as personagens femininas aclamadas e reconhecidas, nem sempre pelos feitos na obra, como também pela noção que o autor transmite dessa personagem permitindo que o interlocutor conecte a ficção com o contexto real. Como ela se sente, como se porta, como se veste, seja no âmbito da perspectiva masculina acerca das mulheres e da feminilidade ou no âmbito da voz ativa feminina. Embora muitas façam sucesso com o público, nem sempre os leitores refletem sobre qual a imagem de mulher é transmitida na literatura e por quem ela é transmitida, quais os significados e visões o feminino tem por parte dos autores. É imperioso levar em conta o espaço restrito que a mulher, em comparação com os homens, ocupa dentro da literatura e das outras artes. No Brasil, segundo pesquisa feita entre os anos de 1990 a 2004, Regina Dalcastagnè (2005), professora da UnB, aponta que 72,7% dos escritores brasileiros são homens, com idade média de 50 anos, residindo no eixo Rio-São Paulo.

Nesse sentido, a autora Conceição Evaristo postula, no prefácio de sua obra, *Ponciá Vicêncio*, que para algumas mulheres o ato de escrever está imbuído de um sentido político,

¹ Entrevista concedida à TV PUC-Rio, no ano de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z8C5ONvDoU8>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

não apenas de escrever como também de publicar. Reitera a afirmação dizendo que “não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria dessas mulheres, mas também a condição étnica e social” (EVARISTO, 2017). Nesse sentido, torna-se essencial que a análise literária contemple não só as questões intratextuais, mas também as questões que extrapolam os limites das páginas.

Em uma obra como *Ponciá Vicêncio*, em que a autora Conceição Evaristo escolhe como características da protagonista ser uma mulher jovem, descendente de escravos, negra, pobre, com baixo grau de escolaridade e brasileira, está claramente explicitado, por meio da ficção, o contexto em que vivem muitas pessoas reais, e mais que isso, o traço histórico do nosso país, através do romance. A escritora demonstra, mediante a construção dessa e de outras personagens – tanto masculinas quanto femininas – o sentimento de uma grande parcela de seres humanos sem grandes oportunidades. Não à toa a autora afirma que, vezes sem fim, suas lágrimas confundem-se com as da personagem, a qual sofre e é condicionada a viver conforme seu “destino” impõe. Muitas brasileiras ainda carregam o mesmo fardo de Ponciá; precisam submeter-se a uma existência de muito esforço e solidão, abdicar de si mesmas para tentar melhorar a vida de suas famílias, depositando sua esperança de ascensão social no fato de serem alfabetizadas.

O objetivo do presente trabalho é fazer uma análise bibliográfica da construção da personagem Ponciá Vicêncio, protagonista do romance de mesmo nome, de autoria de Conceição Evaristo, com base nos pressupostos teóricos relativos à personagem romanesca. Além disso, pretende-se relacionar as características da obra com alguns traços socioculturais das mulheres no Brasil, especialmente das mulheres negras. Portanto, serão retomados estudos e publicações acerca do feminismo no Brasil, além de trabalhos sobre a história da literatura brasileira e, especificamente, sobre a história da mulher no país. Dessa forma, ao longo do trabalho, serão traçados paralelos entre o mundo ficcional e o mundo real, destacando a realidade exposta na ficção.

O primeiro capítulo constitui-se na revisão da bibliografia teórica de Antonio Candido (1972), relativa à construção da personagem do romance e na revisão dos estudos realizados por autoras como Susana Bórneo Funck, Claudia Pons Cardoso e Bebel Nepomuceno, que descrevem a história das mulheres no Brasil e na América Latina, evidenciando os desafios atuais do movimento feminista. Nepomuceno, de modo particular, dedica-se à história das mulheres negras brasileiras no que se refere à desigualdade, ao trabalho, à chefia da família, à mobilização, à educação, à visibilidade e aos espaços de poder.

No capítulo “O espelho renegado das mulheres brasileiras e a construção da personagem Ponciá Vicêncio”, serão feitas as análises da obra, tanto pelo aspecto da construção da personagem romanesca feminina e seus traços identitários – a partir das teorias postuladas por Antonio Candido no capítulo *A personagem de romance* (1972) e do artigo *Literatura e subdesenvolvimento* (1989) – quanto sob a perspectiva de gênero e do feminismo negro no Brasil. Tal movimento social, hoje, segue a linha postulada por ativistas negras como Bell Hooks, Kimberlé Crenshaw e a brasileira Djamila Ribeiro, as quais buscam contemplar as diferentes demandas feministas na atualidade, necessárias para grupos que vão de encontro ao que o movimento propunha, não se sentindo representados pelo feminismo universalista e que buscam dar luz a pautas como cor, sexualidade e classe social.

2 A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA DE ROMANCE E OS TRAÇOS IDENTITÁRIOS

Este capítulo será destinado à análise da construção da protagonista Ponciá Vicêncio, da obra homônima de autoria de Conceição Evaristo. Para tal análise, será utilizada a teoria de Antonio Candido acerca da construção da personagem e traços da história da mulher no Brasil.

2.1 A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM NO ROMANCE

Não é de hoje que leitores e estudiosos da literatura propõem questões acerca de obras e movimentos literários e da importância dos romances nos diferentes contextos históricos, questionando sobre a vida das personagens, a construção do enredo e as características que fazem com que aqueles que leem criem um sentimento de identificação com os seres ficcionais, e também a importância destes elementos no mundo não ficcional. Antonio Candido (1972) escreveu, com base em teorias já existentes, sobre a personagem do romance, capítulo que compõe a obra *A personagem de ficção*. O ensaísta descreve as características presentes na construção de personagens, mostrando como esses traços mudaram ao longo da história e demonstrando alguns tipos de personagem e a sua relação com o romancista. O capítulo inicia, justamente, falando sobre as curiosidades que os leitores têm sobre a obra e dizendo que, “quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino”. (CANDIDO, 1972, p. 53).

Ainda conforme o autor, há três elementos que compõem a estrutura de um bom romance: o enredo, a personagem e a ideia. Os elementos elencados por ele estão inter-relacionados de tal forma que o enredo determina a personagem assim como a personagem pode alterar o enredo, e ambos, unidos, produzem a ideia – entenda-se ideia como significados e valores. Dos três elementos que constituem o romance, esclarece o teórico, é a personagem que possibilita a adesão afetiva e intelectual do leitor, ainda que não seja possível separá-los e qualificar um com grau maior de importância que outro na estrutura do romance ideal, pois a personagem vive em função do enredo, que dá vida a ela através de um contexto social, refletindo a vida de uma pessoa, e através das características que moldam tanto o enredo quanto a personagem. Embora a harmonia entre os elementos supracitados resulte em

uma obra de romance ideal, conforme o teórico, a personagem do romance tem posição de maior destaque, visto que é através dela que se manifesta a relação entre o leitor e a ficção, a impressão de vivacidade do romance e da personagem também se dá em função de que é através dos seres fictícios que acontece o reconhecimento, pelos mecanismos de identificação, projeção e transferência. A construção da personagem pode dar vida tanto ao enredo quanto às ideias que permeiam a obra.

No mesmo ensaio, Candido afirma que a noção a respeito de um ser, elaborada por outro ser, é sempre incompleta, e, por isso, fragmentária. Assim, ao abordar as personagens de maneira fragmentária, o romance retoma, na técnica de caracterização, a maneira incompleta e insatisfatória com que elaboramos o conhecimento das pessoas reais. Dessa maneira, o romancista utiliza-se da fragmentação para delimitar o conhecimento que o leitor tem, conseguindo, desse modo, aproximar a percepção do ser vivo com o ser ficcional, porém, mais coeso e menos variável que o ser real, o que o Antonio Candido chama de lógica da personagem.

É escolha consciente do escritor, no momento de caracterização da personagem, selecionar determinados gestos, maneirismos, frases e objetos significativos que irão marcar a personagem e, ao mesmo tempo, manter a impressão de complexidade. Ainda sobre a fragmentação da personagem, o autor complementa dizendo que podemos variar relativamente a nossa interpretação, podendo fazer análises a partir de diferentes âmbitos e com diversos contextos baseados na realidade, mas que as características atribuídas pelo escritor do ser ficcional delimitam a curva de sua existência e do seu modo de ser e de agir, seguindo certa coerência e mantendo certa lógica.

O autor esquematiza, no que tange ao romance, sete tipos de personagens, levando em consideração as características de criação, sua relação ou não com modelos reais, direta ou indiretamente conhecidos do autor. Tais criações podem acontecer de maneira consciente, inconsciente ou então em um misto de ficção com a realidade:

[...] De maneira geral, só há um tipo eficaz de personagem, a *inventada*; mas que esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca; e que a realidade básica pode aparecer mais ou menos elaborada, transformada, modificada, segundo a concepção do escritor, a sua tendência estética, as suas possibilidades criadoras. (CANDIDO, 1972, p.69).

A seguir, serão elencados em ordem os tipos de personagem: 1) personagens transpostas com relativa fidelidade de modelos do romancista, dados por experiência direta,

seja interior ou exterior. Isso pode ocorrer de duas maneiras: projeção e transposição de pessoas; em tais casos, respectivamente, o escritor pode incorporar suas vivências e sentimentos, projetando parte de seu interior nas personagens, ou então transpor pessoas reais e conhecidas diretamente; 2) personagens transpostas de modelos anteriores, que o escritor reconstitui indiretamente, a partir de documentação ou testemunhos; 3) personagens constituídas a partir de um modelo real e conhecido pelo escritor, que serve de ponto de partida para a criação, diferenciando-se da transposição por servir apenas como eixo para guiar a caracterização; 4) personagens construídas em torno de um modelo direta ou indiretamente conhecido pelo romancista, mas apenas como estimulante para o trabalho de caracterização; 5) as personagens são construídas em torno de um modelo real dominante, que serve de eixo, mas que também vai juntar-se a outros modelos secundários, refeitos para caracterizar uma personagem, isto é, o romancista escolhe modelos reais para caracterizar um novo personagem, sendo que um deles será dominante e terá mais características como eixo; 6) diz respeito as personagens elaboradas com fragmentos de vários modelos vivos, sem predominância de um sobre os outros e resultando em uma personalidade nova e autêntica, em que a personagem carrega características de várias pessoas ou até de um grupo social; 7) destaca o mecanismo de criação das personagens que fogem dos modelos reais e que, ou não tem modelo consciente, ou os elementos tomados à realidade pelo consciente não podem ser traçados pelo próprio autor, pois é um processo que passa pela esfera do inconsciente e o romancista não consegue reconhecer, no produto final de criação, qual o modelo retirado da realidade que serviu como ponto de partida.

Em todos os casos que o estudioso traz em seu ensaio para esclarecer como percebemos o trabalho de criação da personagem, a observação e a imaginação se combinam em algum grau, e o próprio escritor seria incapaz de determinar a proporção exata de cada elemento. O processo de construção e caracterização expõe, além da vivência do autor, sua percepção sobre as pessoas e sobre os sentimentos, e também mostra ao leitor as concepções éticas, morais e intelectuais que fazem parte do processo pessoal de criação, sendo revelado ao leitor, através das personagens, o produto de todo esse processo criativo, através das características selecionadas pelo autor e combinadas com a imaginação, possibilitando ganhar novo sentido ao misturar-se com a percepção do próprio leitor acerca do enredo e da obra em um todo.

2.2 LITERATURA E GÊNERO: A HISTÓRIA BASTARDA DO BRASIL

No artigo denominado *Literatura e subdesenvolvimento* (1989), Antonio Candido faz uma retrospectiva da história da literatura no Brasil, desde o tempo em que o país era colônia até a contemporaneidade, reforçando a ideia de que nosso atraso – quanto à taxa de analfabetismo e ao número de analfabetos funcionais – está ligado ao prolongamento do estatuto colonial traduzido na persistência das oligarquias e no imperialismo estrangeiro, que refletiu na postura dos intelectuais brasileiros e latino-americanos; esses, lamentando a ignorância do povo em relação aos colonizadores, excluía-se do contexto e consideravam-se um grupo à parte. Dessa forma, os próprios escritores da época colonial contribuía para a elitização da cultura escrita e do acesso aos livros.

Em um país outrora colonizado como o Brasil, é comum que as artes mais valorizadas e analisadas sejam as de países colonizadores, pois carregamos traços da história que foi construída, até então, por pessoas que não eram daqui, que impuseram culturas e hábitos a um povo que já tinha sua própria cultura, tornando-os (tanto povo, quanto cultura) secundários. Uma nova história foi construída, sobreposta àquilo que os habitantes do Brasil já haviam implantado: um padrão majoritariamente branco, masculino, hierarquizado e descendente da colonização europeia. Muitas das formas de expressão do povo brasileiro contêm traços remanescentes da monarquia portuguesa e de outros imigrantes europeus, como a música e o teatro, mesmo após quase dois séculos de independência e um século e meio depois da Lei Áurea. Nesse âmbito, a sexta arte não é diferente, conhecemos e estudamos a linha cronológica da literatura e os movimentos vanguardistas a partir da visão eurocentrista e dos autores que ficaram famosos fora do Brasil e posteriormente aqui. Assim, não são numerosos os trabalhos de análise de autores e personagens que refletem a realidade da maior parte da população, composta por negros, mulheres, pessoas com renda baixa e pouca escolaridade.

No período colonial, o europeu trouxe consigo o pensamento de superioridade, chegando às terras brasileiras como desbravador e dono, não apenas das riquezas naturais, como também das pessoas, que foram tratadas como mercadorias e como animais. Comprava e vendia, explorava e estuprava. Inúmeras negras foram objetos sexuais de seus senhores, dos filhos de seus senhores e dos posteriores compradores de sua existência. Foi através da exploração, do sangue e do suor de escravos e índios, do sofrimento de mulheres que se submetiam a fazer o parto de crianças que não eram de fato suas, que inicia a história renegada da nação brasileira.

Pelo fato de ambicionar maior qualidade de vida e mais cultura dita “erudita”, a qual o europeu demonstrava e ostentava possuir, o povo passou a acreditar que aquilo que era trazido de fora, era superior, dessa forma, começou a adorar e admirar os costumes, os trajes e os modos dos colonizadores. Nesse sentido, a cultura letrada no Brasil, desde o início, atendeu a uma porcentagem restrita de pessoas que sabiam ler e tinham acesso aos livros. No caso dos romancistas, produtores da literatura nacional, restringiam-se à produção europeia, visando atingir o público disposto a ler, que era de supremacia estrangeira:

[...] É possível imaginar que o escritor latino-americano esteja condenado a ser sempre o que tem sido: um produtor de bens culturais para minorias, embora no caso estas não signifiquem grupos de boa qualidade estética, mas simplesmente os poucos grupos dispostos a ler. (CANDIDO, 1989).

Grupos estes – pessoas alfabetizadas, em sua maioria homens, e dispostas a ler – que nem sempre têm interesse de vivenciar, através dos romances e das artes, outros reflexos da realidade, que enfoquem também as margens, não mais apenas o considerado erudito, principalmente tratando-se de obras que dissertem sobre a herança do sofrimento e das dificuldades dos negros e das mulheres escravizadas. Na perspectiva da literatura, que é a arte a qual muitas vezes expõe um “espelho quebrado” da sociedade e do contexto histórico, não havia obras populares tratando de um olhar diferente do pejorativo sobre a população negra no país, exemplificando que, à época, não tinha visibilidade para grupos sociais como mulheres e negros.

Nessa perspectiva, é imprescindível retomar fatos da história brasileira a partir de outro viés, descentrado do âmbito eurocentrista, e abordando a temática das mulheres na história e introduzindo as demandas de igualdade de direitos e restituição das humanidades negadas. Segundo Giovana Xavier (2017), professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a principal pauta do feminismo negro é o ato de restituir humanidades negadas, a estudiosa ainda afirma que as mulheres negras são as pioneiras na autoria de práticas feministas desde antes da travessia do Atlântico (apud RIBEIRO, Djamila, 2017, p. 14).

Segundo Maria Odila Dias (2018), após a proibição do tráfico externo de escravos, uma prática comum entre os donos de grandes fazendas era o tráfico “entre províncias”, que levava escravos do norte ao sul do Brasil. Como a maior parte desses escravos era homem, havia poucas famílias, e as mulheres eram, muitas vezes, forçadas a manter relações com muitos homens e terem vários filhos. Mesmo quando os senhores permitiam que uma família de escravos existisse e cuidasse dos animais e do cultivo da roça, o homem e a mulher quase

não ficavam juntos, pois ele era mandado trabalhar em outras fazendas e ela ficava responsável pela roça, pelas crianças, pela comida de todos. A autora ainda traz relatos de escravos que mataram suas companheiras, não apenas por ciúme e sentimento de posse, mas também porque viam o sofrimento das mulheres que eram abusadas e violentadas pelos senhores e forçadas a praticar o mesmo trabalho pesado que os homens, ainda que grávidas.

Conforme a estudiosa Bebel Nepomuceno (2018), a desigualdade social no Brasil tem raízes no período da colonização, entre os anos de 1500 e 1530. No fim do século XIX, uma parcela da camada aburguesada brasileira resolveu “embranquecer” a população, financiando a vinda de europeus para o Brasil, na tentativa de extinguir gradualmente com os negros. Para conseguir tomar tais medidas, havia propagandas e anúncios que procuravam pela mão de obra “estrangeira”, diminuindo ainda mais as oportunidades de homens e mulheres negros brasileiros. Mas, ainda que houvesse um esforço por parte dos brancos de desvalorizar outras raças e etnias, não eram muitos os europeus que estavam dispostos a atender a todos os requisitos que as patroas brasileiras desejavam, conforme a autora, pois quase sempre as famílias contratantes exigiam “extensas jornadas de trabalho, ausência de direitos, pouca remuneração, humilhação e abusos sexuais”. Nepomuceno ainda relata que, mesmo com menos oportunidades, os movimentos negros da primeira metade do século XX destacavam a educação como instrumento de ascensão social; como eram poucos os espaços de educação para negros, eles mesmos desenvolviam as iniciativas educacionais, mulheres ensinavam às crianças voluntariamente aquilo que sabiam, e as famílias que conseguiam ter uma renda maior mandavam as crianças a escolas particulares.

Até meados dos anos 1980, as ideias feministas eram discutidas e disseminadas por mulheres que, em geral, eram de classe média e branca. Isso refletia na forma como o movimento abordava os temas em pauta, como a conscientização do papel da mulher na sociedade e o começo da luta pela igualdade de direitos entre os sexos, que foram alterados com o passar dos anos para abranger mais pessoas e falar sobre a igualdade tanto entre os gêneros quanto entre as raças. Após passar por três ondas do feminismo, as mulheres, especialmente brasileiras e latino-americanas, têm vivido novas perspectivas e desafios do movimento feminista. Segundo Cardoso (2014), o feminismo pós-colonial e o feminismo negro oferecem a oportunidade de sepultar perspectivas hegemônicas, identificadas com agendas políticas e legados históricos que pouco têm dito para mulheres negras, lésbicas, pobres, indígenas, pois a contribuição dessas mulheres contra as relações patriarcais

historicamente tem sido ignorada, e as relações colonialistas mantidas internamente em nossas sociedades.

A autora Conceição Evaristo introduz a obra falando sobre o ato político de escrever, enquanto afirmação de autoria de mulheres diante da liderança dos homens no mercado de publicações literárias. Para a escritora e estudiosa da área da literatura, não só as questões de gênero influenciam nas oportunidades de publicação, como também a condição étnica e racial. Não apenas no âmbito da publicação literária, como também acadêmica, outras autoras brasileiras afirmaram sobre a importância da desconstrução dos discursos de homens e de mulheres em posição de privilégio, que desmerecem, mesmo que indiretamente, a luta de outras tantas classes e grupos; segundo a autora Cláudia Pons Cardoso, os privilégios impedem que conhecimentos sejam obtidos em função da posição social e cultural considerada muitas vezes “superior” em relação a outras posições socioculturais que dão privilégios a uma parcela de estudiosos. Em artigo, a autora explana que “os privilégios provenientes de raça, gênero, classe social, sexualidade e nacionalidade, por exemplo, impedem que ‘outros’ conhecimentos sejam obtidos em função da posição social e cultural de privilegiamento”. (CARDOSO, 2014).

A ensaísta Susana Bornéo Funck (2014, p. 21) aponta, no capítulo “Linguagens e narrativas”, sobre os desafios feministas contemporâneos a serem enfrentados nas narrativas – sejam elas visuais, sonoras ou verbais – e sobre a maneira como esses aspectos marcaram grande parte das obras contemporâneas: poucas protagonistas femininas, grande diferença de tratamento entre classes e raças. A autora destaca a responsabilidade das mulheres da atualidade com o legado deixado, com o meio século de lutas e conquistas femininas e dos feminismos contemporâneos, frisando a importância de registrar todos os fatos, mesmo que no futuro venham a ser contestados. Ela inicia o capítulo mostrando o quanto as narrativas reproduzem o meio no qual estão inseridas:

Narrativas não são apenas relatos ou representações de acontecimentos reais ou ficcionais. [...] Narrativas – sejam elas verbais, visuais ou sonoras – são construções ideológicas que estabelecem parâmetros de subjetivação e que acabam por determinar nossa maneira de ser no mundo. [...] A grande tarefa feminista de historiadoras, artistas, teóricas e críticas: produzir discursos contra-hegemônicos que coloquem em xeque construções culturais naturalizadas.

Por meio da afirmação da autora, é possível perceber a importância de conhecer e de analisar o meio sociocultural situado fora da obra, para que seja reiterada a necessidade de valorizar a desconstrução de modelos estabelecidos. A obra a ser analisada na investigação

proposta traz a explicitação da “matriz patriarcal, heterossexista, racista e socialmente assimétrica” (FUNCK, 2014, p. 21), de que fala a ensaísta, pois é protagonizada por uma mulher negra brasileira, que estabelece um forte diálogo e uma relação intensa com suas raízes. Além disso, é possível abordar, a partir desse romance, algo relativamente novo no contexto feminista: a pauta do feminismo negro.

No Brasil, o movimento feminista inseriu-se diretamente no âmbito político por ocasião da entrega da “Carta das mulheres à assembleia constituinte”, que, segundo a estudiosa Carolina Quieroti Timoteo (2013), “garantiu a aprovação das demandas do movimento [...], representou uma quebra nos tradicionais modelos de representação vigentes até então no país”. Em seu artigo “As transformações do movimento feminista no Brasil e sua relação com a América Latina”, Timoteo (2013) recorda o fato histórico da entrega da carta em que mulheres brancas, negras, índias, mestiças, intelectuais, operárias, professoras, artistas, empregadas domésticas..., todas unidas ocuparam as galerias do Congresso Nacional, porém ainda sob a luz do feminismo universalista, ou seja, a ideologia que acredita nas demandas femininas como unidade, não tendo diferentes olhares para cada esfera social, cultural e racial de mulheres ou pessoas que se identificam com o sexo feminino.

3 O ESPELHO RENEGADO DAS MULHERES BRASILEIRAS E A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM PONCIÁ VICÊNCIO

Este capítulo será dedicado à análise dividida em dois subtópicos: o primeiro acerca da personagem romanesca feminina e o segundo sobre a perspectiva de gênero e de traços da história da mulher no país.

3.1 A PERSONAGEM ROMANESCA FEMININA

A literatura é um meio de proporcionar identificação até mesmo com sentimentos que, muitas vezes, as pessoas não admitem trazer dentro de si ou sobre os quais não se questionam. Dessa forma, uma mulher comum, que sofre calada e muitas vezes não tem compreensão da situação à qual está submetida, como muitas leitoras – cada uma à sua maneira, compartilhando seus pensamentos com o público, faz com que haja uma aproximação e reflexão sobre outro contexto social.

A partir dos estudos de Antonio Candido (1972) sobre a personagem do romance, é possível analisar a construção da personagem sob o aspecto de um romance bem construído. Para o autor, os três elementos principais do desenvolvimento são: enredo, personagem e ideia, sendo considerada a ideia, os valores e os significados que, segundo o autor, devem ser expostos apenas em função dos temperamentos e das características da personagem. No romance *Ponciá Vicêncio*, as ideias aparecem essencialmente em função dos caracteres que compõe a personagem, como o fato de a protagonista ser descendente de escravos e carregar a “herança” do avô, que foi o último de sua família que ainda sofreu diretamente por não ser nascido de um ventre livre. Dentre as características de construção do avô, que aparecem de maneira muito presente na protagonista, está a sua apartação do contexto em função do sofrimento, o alienamento em si mesmo e nas lembranças, fazendo com que o riso e o choro apareçam na mesma medida. Embora essa ideia não seja parte direta do desenvolvimento da narrativa da vida de Ponciá e sim de seus antepassados, é de valor fundamental para compreender os significados das características da personagem no enredo, que relembra não apenas do braço aleijado do avô Vicêncio, como também da origem do sobrenome, parte do fardo da história da família. Tal como as mulheres mudavam o sobrenome, ao se casarem, para mostrar à sociedade à qual família pertenciam, escravos muitas vezes ficavam conhecidos pelos nomes dos donos, a família Vicêncio era uma delas.

O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante. [...] O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. (EVARISTO, 2017, p. 26-27).

Para Candido (1972, p. 54), em um romance ideal, os três elementos essenciais da narrativa não podem ser separados, ainda que a personagem tenha maior destaque por ser quem mais comunica a impressão de uma verdade existencial, sendo ela quem possibilita a adesão afetiva do leitor à narrativa. Conceição Evaristo apresenta a personagem Ponciá com a ingenuidade de uma criança que não teve contato com outras pessoas da mesma idade, pois não frequentou escola, nem teve uma infância como é de costume à grande parte do público leitor. O interlocutor que é capaz de ser sensível a outras realidades socioeconômicas consegue criar um vínculo intelectual com as personagens, não apenas com a protagonista, como também com o avô, o irmão, o pai, a mãe e o marido; tal vínculo se dá em função da caracterização feita pela autora, que utiliza fatos baseados na realidade de uma grande fatia da população negra. Da mesma forma que é necessário o olhar sensível, é fundamental distanciar-se da narrativa eurocêntrica para criar um vínculo afetivo com a protagonista, podendo, assim, aderir à sua verdade existencial e perpetuar a relação entre os seres vivos e os seres fictícios.

Por outro lado, é através do enredo e das ideias que o leitor pode consolidar o vínculo com as personagens, compreendendo que a estrutura da narrativa tem como significado –ideia – mostrar a vida de muitos sucessores de escravos no contexto atual, mesmo que pareçam existências distantes da contemporaneidade brasileira. Também é o enredo que dá mais vida e novos significados à protagonista, que aparentemente pode dar a impressão de ser “rasa”, assim como Macabéa, de Clarice Lispector, mas na verdade, ambas carregam traços muito profundos e significados que vão além do que a caracterização da personagem mostra, expondo outra face da teoria de Antonio Candido (1972, p.57-58) que diz que algumas noções da literatura, como a de verdade plural (Pirandello) e de infinitude do mundo interior (Joyce), vêm da fragmentação das personagens e que, em algumas obras, a dificuldade em descobrir a coerência e a unidade dos seres pode vir refletida no romance através da forma de incomunicabilidade nas relações.

Assim como na vida real, na ficção, as personagens também podem ser mostradas de maneira fragmentária, incompleta e insatisfatória, dependendo da técnica de caracterização que o autor utiliza na sua construção. Ponciá é um exemplo de personagem fragmentada, incompleta, que deixa o leitor curioso, por vezes incomodado, com a incomunicabilidade da

moça tanto nas relações existentes no enredo, por viver mais dentro de si do que em “sua vida”, quanto na relação do romance com o interlocutor, como ilustra o seguinte trecho da obra, o qual demonstra o incômodo do marido da moça com a incomunicabilidade entre eles: “Ao ver a mulher tão alheia teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome.” (p.19).

Ao selecionar as características que farão parte dos três elementos essenciais da obra, o romancista cria uma lógica nos acontecimentos, explicitando para o leitor, através dos limites que propõe, quais as possíveis situações e sentimentos que a personagem pode ter, mesmo que muitas vezes pareça ser tão complexa quanto pessoas reais e situações reais. Essa sensação de complexidade dá-se em função das escolhas do autor e do sentimento de verossimilhança que a própria personagem comunica. Além disso, em diversos processos de criação de personagens, o autor utiliza modelos reais, em maior ou menor grau de aproximação com o universo não ficcional, possibilitando interpretações baseadas em contextos reais. Conceição Evaristo dá vida às personagens ficcionais trazendo traços da história escravagista do Brasil, marcando a trajetória das personagens com fatos comuns aos escravos e descendentes, porém não são usualmente abordados pela literatura.

3.2 AS PERSONAGENS SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO

O comportamento humano reflete costumes e histórias do passado, tanto o preconceito racial quanto o machismo são fragmentos enraizados em muitas culturas. No caso de escravas brasileiras, o sofrimento e a sede por sobrevivência se fazem presentes desde as primeiras embarcações vindas do continente africano. Para elas, o ínfimo fato de continuarem vivas e buscando forças em ambientes hostis e desumanos exigiu força e muita capacidade de adaptação, ou ainda, segundo Maria Odila Dias (2018) é como se, a todo o momento, fosse preciso inventar formas de não morrer, não adoecer e não enlouquecer enquanto serviam a seus senhores.

Em *Ponciá Vicêncio*, além de personagens bem construídas – pelo prisma da teoria de criação exposta por Antonio Candido – no enredo, foi de grande importância a recuperação identitária e a visibilidade da pauta negra. A regeneração da identidade das personagens acontece através da trajetória da protagonista Ponciá Vicêncio e sua família, além dos traços recompostos da cultura marginal e ainda menos valorizada, fazendo uma breve retrospectiva histórica do brasileiro descendente de escravos, que sai do campo para tentar vida melhor na

cidade grande. Trata-se de um romance contado ao leitor justamente por uma daquelas que, majoritariamente, foram até então (e ainda são) oprimidas e muitas vezes caladas: uma mulher negra e pobre.

Ponciá Vicêncio e as pessoas de seu povoado, assim como tantas outras famílias de remanescentes, ganhou o sobrenome do coronel Vicêncio, face do poderio de várias famílias que vivem na mesma fazenda, trabalhando, ainda, para os descendentes do coronel. A menina é uma das crianças nascidas do “ventre livre”, mas que continua tendo vida submissa e carregando os encargos de seus ancestrais, principalmente seu avô, ex-pertencente do coronel. Após a abolição seguiu, com sua família, vivendo no povoado dos negros “forros”, antigos escravos, e ainda serventes na fazenda dos brancos. Vô Vicêncio é o retrato de muitas histórias brasileiras de antes da Lei Áurea, é um homem que sofre a vida toda pela condição à qual foi submetido e, em um momento de exaustão, chegando à loucura, fínda com a vida da esposa, com a intenção de acabar com o sofrimento de toda a família. O filho pequeno (pai de Ponciá) foge e o homem tenta matar a si próprio, sendo impedido por outros escravos, a cicatriz que carrega até o fim da vida é parte do braço amputado, além da lembrança, que o deixa em uma mistura de riso e choro.

Casos como o do avô da menina não eram incomuns entre negros que viam diariamente suas mulheres sofrendo severas punições, sendo obrigadas e fazer o mesmo trabalho pesado que os homens, sendo abusadas pelos seus senhores e carregando todo o peso de alimentar e cuidar de todos, tanto os da casa grande e da fazenda, quanto os da sua própria família. Muitos homens não suportavam ver os fardos carregados por suas esposas e filhos, escolhiam a morte, como relata o ensaio *Resistir e sobreviver*: “ao testemunhar o desespero da mulher, Mariano sentiu vontade de matá-la e matar-se depois.” (DIAS, 2018, p. 365). O irmão da protagonista do romance também relembra da história do “braço cotoco de Vô Vicêncio”, ilustrando o sofrimento do homem:

Luandi sabia também que o avô fizera tudo aquilo em um momento de desespero. Não queria ser mais escravo. E só não matou o pai de Luandi, que na época era menino, porque ele conseguiu fugir em busca de socorro. Vô Vicêncio queria a morte. Se não podia viver, era melhor morrer de vez. (EVARISTO, 2017, p.62).

Em muitas fazendas escravagistas, já no fim do regime, os coronéis concediam aos casais de escravos um pedaço de terra como “presente”, para que pudessem cultivar gêneros de subsistência, cuidar de alguns animais e terem a oportunidade de viverem fora da senzala, evitando assim a fuga e possíveis revoltas. Na realidade, o que os senhores estavam fazendo,

era garantir que os pequenos povoados que se formavam com os últimos escravos e os filhos do “ventre livre” continuassem dentro de suas propriedades, mantendo os descendentes e as suas famílias em choças de pau a pique. Homens e meninos trabalhavam nas fazendas de café e de cana de açúcar, mulheres e crianças pequenas iam para a roça, dividindo com os donos o resultado de seu árduo trabalho, mas podendo vender seus artesanatos e trabalhos no barro.

Tal realidade foi refletida também no romance, pois o sustento da casa, além do trabalho do pai e do irmão de Ponciá nas fazendas, vinha dos potes e panelas de barro que a moça e a mãe faziam. Enquanto as escravas viam a oportunidade de alcançar certa qualidade de vida, um pouco melhor – comparada à inexistente das senzalas –, os coronéis mantinham os escravos trabalhando por dias a fio nas épocas de arar, semear e colher, mantendo, dessa maneira, a mão de obra barata e “empregadas” domésticas em tempo integral na casa grande, mesmo após a Lei do Ventre Livre, em 1871, menos de um século e meio atrás.

A realidade da obra Ponciá Vicêncio não se restringe ao passado. Ainda hoje, no Brasil, muitas comunidades majoritariamente negras são encontradas nos interiores de grandes fazendas, nas quais a maior parte dos homens e mulheres trabalha para os latifundiários, recebendo como salário valor menor que o necessário para poder sonhar com o cultivo familiar ou com a mudança para a cidade, com intuito de proporcionar educação regular para as crianças e trabalho formal para os adultos. Muitos jovens arriscam-se, assim como Ponciá e Luandi, seu irmão, a ir para a cidade e tentar uma vida melhor, entretanto muitos acabam passando fome ou são marginalizados, submetendo-se então a longas jornadas de trabalhos e com baixa remuneração.

No caso da mulher negra, o êxodo rural é um processo ainda mais truculento e perigoso, pois além de exposta a abusos dos mais diversos tipos, violência e racismo, as opções mais comuns são o emprego de doméstica ou a prostituição, ou seja, vínculos empregatícios informais, com salário que, em geral, não corresponde às horas de trabalho. Em ambos os casos, um fator que se faz extremamente relevante e danoso é o machismo que a mulher enfrenta quando é submetida a uma vida diferente. Especificamente sobre as domésticas, a historiadora Bebel Neponuceno (2018, p.385) retrata que as condições impostas pelas famílias contratantes de empregadas domésticas implicavam, quase sempre, ausência de direitos, parca remuneração, humilhação e abusos sexuais.

Evaristo exemplifica tal realidade em diversos planos a partir das personagens Ponciá e Biliza, pois ambas saíram do interior e, ao chegarem à cidade, conseguiram empregos de domésticas, tentaram guardar todo o dinheiro recebido para melhorar a vida dos que ficaram

nas comunidades do interior. Ponciá conseguiu, após muito tempo, comprar uma casa na favela para ela e o marido, na esperança de buscar a mãe e o irmão e reunir a família novamente. Biliza ilustra outra face de mulheres que não têm experiência profissional ou educação formal e dependem do trabalho para o próprio sustendo e da família. A menina consegue emprego de doméstica, trabalha muito para buscar a família e, quando consegue uma quantia razoável de dinheiro, a caixa em que guardava todo esse valor desaparece. A doméstica não hesita em acusar o filho da patroa, que era o único que entrava no quarto para ter relações sexuais com a empregada.

Assim como Biliza, muitas domésticas sofriam e ainda sofrem abusos físicos, psicológicos e sexuais dos patrões, sem ter outra opção senão continuar trabalhando, pois a família depende disso. Sem perspectiva de conseguir juntar todo o dinheiro novamente, dependendo do mês inteiro de trabalho pesado e abusos, a menina viu na prostituição uma oportunidade de reconquistar sua independência mais rapidamente. A personagem é exemplo de mulheres que já conheciam a diferença de tratamento entre homens e mulheres, mesmo no meio da comunidade negra, o qual, em tese, é de igualdade racial. Em um trecho da obra, o narrador conta que Biliza pensava de maneira mais progressista do que as outras pessoas de seu meio social. A autora demonstra que, mesmo abordando com menos ênfase o tema do feminismo, do que o preconceito racial, as personagens têm atitudes que convergem com os ideais pregados pelo movimento, trazendo agendas típicas da luta contra o sexismo, desconstruindo termos pejorativos associados às mulheres, como no caso do trecho a seguir:

A patroa não gostou da suspeita que caiu sobre o seu filho. Quanto a dormir com a empregada, tudo bem. Ela mesma havia pedido ao marido que estimulasse a brincadeira, que incentivasse o filho à investida. [...] Puta é gostar de prazer. Eu sou. Puta é me esconder no mato com quem eu quero? Eu sou. Puta é não abrir as pernas para quem eu não quero? Eu sou. E, agora, novamente ser chamada de puta pela patroa, só porque contou de repente que o rapaz dormia com ela. (EVARISTO, 2017, p.84).

Além das agendas que são relacionadas à maior parte das mulheres, também aborda outro aspecto fundamental no qual o feminismo negro diferencia-se do feminismo liberal, pois este é comumente relacionado com a “primeira onda feminista”, que lutou pelo sufrágio e o direito da mulher de ter um trabalho formal. Por outro lado, as feministas negras lutam pela sua humanidade e pelo seu lugar de fala, sua subjetividade e autenticidade no mundo como mulheres e negras. Enquanto o feminismo liberal atende às demandas homogêneas das mulheres, o movimento negro defende pautas mais pontuais como a luta antirracista no meio feminista e a luta antissexista.

As mulheres negras nunca precisaram sair às ruas para lutar pelo direito de trabalhar, elas já estavam na rua trabalhando desde muito pequenas como domésticas, vendendo artesanato e comida. Buscavam também a alternativa do trabalho em grupo como pequenas empreendedoras independentes, além de ainda ter aquelas que se dedicaram a atividades artísticas, ocupando palcos baratos de teatros de revista e cabarés. Nas áreas urbanas, os cortiços –habitações coletivas – além de servir de lugar de moradia, eram os locais em que as mulheres e as crianças lavavam roupa “para fora”, preparavam a comida a ser vendida e, assim, transformavam essas habitações em locais de produção econômica. (NEPONUCENO, 2018, p.386).

No caso da protagonista da obra analisada no presente trabalho, é percebida uma apatia muito profunda em relação à própria vida. Ponciá perde a esperança da vida melhor que foi procurar na cidade, perde a esperança de voltar para a vida antiga, pois o irmão também foi para a cidade e a mãe está perdida, esperando o momento de encontrá-los. A esperança da moça foi, durante algum tempo, que saber ler abriria portas e, mais uma vez, o leitor depara-se com o patriarcado enraizado em nossa cultura. Para a jovem, a leitura não proporcionou nada além da possibilidade de ler nos jornais notícias nefastas como a de feminicídio e da prisão de uma mulher por ser adúltera. Quando chega à cidade, passa a primeira noite dormindo na rua, na porta da igreja. Depois de todo o esforço e tempo investidos para poder ter uma casa, a única coisa que pode ler são as notícias, que são simbólicas no contexto em que a obra está inserida e ajudam a criar a ideia (conceito trazido anteriormente) que permeia o enredo. Por outro lado, contrastando com a falta de oportunidade da menina, seu irmão, que não sabia ler nem escrever, ao chegar à cidade, consegue um emprego na delegacia no primeiro dia e a oportunidade de virar soldado assim que aprendesse a escrever o próprio nome, tendo as esperanças cada vez mais alimentadas, tanto de melhorar de vida quanto de encontrar sua família. Sadicamente, a tristeza da vida de Luandi será em função de um feminicídio, ocorrido em função do machismo de um homem que se sentia dono de uma mulher, mais uma vez ilustrando a importância da temática do feminismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer uma leitura, nem sempre o interlocutor tem o olhar voltado para a temática que permeia a narrativa através dos elementos essenciais do romance, entretanto são as personagens, aliadas às ideias e ao enredo (o que caracteriza um romance ideal, segundo a teoria postulada por Antonio Candido), que fazem com que haja o que o autor chama de verossimilhança, que é a aceitação da verdade que o romance propõe. Nesse sentido, a literatura, como ferramenta social, tem a capacidade de abordar temáticas sociais de modo que o leitor consiga aderir afetivamente às personagens, ainda que não faça parte do grupo social das protagonistas, refletindo, com empatia, acerca dos temas abordados. Uma obra literária pode servir como reflexo de um contexto social e das características do autor, que através dos elementos essenciais do romance, possibilita a adesão intelectual e afetiva do leitor.

A construção da personagem romanesca depende do processo de caracterização do autor, que passa pelas esperas do consciente e do inconsciente, trazendo elementos reais e aliando-os à imaginação em diferentes graus de contato com os modelos reais. Em todos os casos, tal caracterização exprime traços de ética, moral e visão de mundo do próprio autor. No caso da autora da obra analisada, doutora em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense, ela afirma que sua escrita é naturalmente feminista, pois sempre colocou a mulher, preferencialmente a mulher negra, como centro de suas narrativas. Afirma ainda, na mesma entrevista² à TV Brasil, em 2018, que nasceu rodeada de palavras, não de livros. Por essa experiência com a literatura oral é que ela fala em “escrevivência”, termo criado e utilizado por ela mesma.

É imperioso levar em conta o espaço exíguo que a mulher ocupa dentro da literatura no Brasil, sendo minoria no número de publicações, e a mulher negra com menor visibilidade dentre as publicações femininas, reafirmando a segregação dos grupos sociais, e a fala da autora quando diz que as exceções de visibilidade negra devem servir para se pensar sobre a crueldade das regras, que devem mudar. Assim, a proposta do trabalho foi analisar a obra *Ponciá Vicêncio*, da autora Conceição Evaristo, pelos viéses da construção da personagem de romance e de teorias de gênero voltadas para o movimento feminista negro, e fazer paralelos com a realidade brasileira de muitos descendentes de escravos.

A partir do exposto, foi analisada a construção da protagonista Ponciá e sua relação com o enredo e com as outras personagens, além de explorar a ligação da obra com a

² Entrevista concedida a Raphael Montes, no programa “O Trilha de Letras”, no estúdio da TV Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9lpOGN36WxA>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

sociedade contemporânea, fazendo uma breve retomada da história da mulher negra no Brasil, segundo autoras como Bebel Neponuceno (2018), Claudia Pons Cardodo (2014) e Djamila Ribeiro (2017); descentrando o foco das narrativas históricas construídas pela perspectiva comum, ou seja, pelo viés branco, masculino e patriarcal, ou então do feminismo liberal e homogêneo, que não atende a demandas diversas de variados grupos de mulheres, em especial, da mulher negra, que além de sofrer com a discriminação racial, também sofre com o sexismo, mesmo no meio da população negra. Como a autora americana Bell Hooks (1981, p. 5) abordou em sua obra *Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo*, o relato de Anna Cooper sobre o estatuto das mulheres negras: a mulher branca pode ao menos alegar para si a sua própria emancipação; as mulheres negras duplamente escravizadas, podem, senão sofrer, lutar e ser silenciosas.

Com o intuito de demonstrar, através da análise, o quanto as pautas do feminismo negro no Brasil são relevantes e atuais, os paralelos feitos com a realidade também receberam análise a partir de fatos da história do Brasil, segundo o lugar de fala de mulheres, pois é fundamental destacar que é possível ser branco, homem, classe média e falar sobre a literatura e a população negra e marginalizada, entretanto sem obliterar suas vozes. A exclusão acontece não apenas no âmbito racial e do sexismo na sociedade, como também no meio feminista – há a exclusão das pautas raciais e das demandas de igualdade de gênero no meio negro. Pode-se concluir, dessa maneira, que ainda hoje, no ano de 2019, seres humanos são discriminados por sua cor, sua etnia, sua descendência e seu gênero. Mesmo após 131 anos da abolição da escravatura no país, os sucessores ainda sofrem com o racismo estrutural e a marginalização, não só das pessoas, como também de traços da cultura e das religiões afrodescendentes.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, p. 140-162.

_____. A personagem de romance. In: *A personagem de ficção*. 2. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 51-80.

CARDOSO, C.P. Feminismos e os desafios atuais do pós-colonial: a contribuição de feministas negras no Brasil. In: *Linguagens e narrativas*. Tubarão: Copiart, 2014, p.251-266.

DALCASTAGNÈ, Regina. *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 26. Brasília, jul-dez. 2005, p. 13-71.

DIAS, M.O. Resistir e sobreviver. In: *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018, p.360-381.

EVARISTO, Conceição. Vozes-mulheres. In: *Poemas de recordação e outros movimento*. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 10-11.

_____. *Ponciá Vicêncio*. 3. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FUNCK, S.B. Linguagens e narrativas. In: *Linguagens e narrativas*. Tubarão: Ed.Copiart, 2014, p.21-29.

hooks, bell. *Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. 1981. Tradução de Plataforma do Gueto, 2014, p.5.

NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo ignorado. In: *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018, p.382-409.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*Belo Horizonte/MG: Letramento, 2017, p.14.

TIMOTEO, C.Q. *As transformações do movimento feminista no Brasil e sua relação com a América Latina*. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v7_carolina_GVII.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2018.